



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1158

O ELEMENTO ESTÉTICO NA RELAÇÃO HISTÓRIA E LITERATURA: UMA CONTRIBUIÇÃO DE ANTONIO CANDIDO

Lucas André Berno Kölln
(Universidade Estadual do Oeste do Paraná)

Resumo. Os estudos historiográficos a partir da literatura têm se desenvolvido intensamente nos últimos anos, e têm se desdobrado em diversas direções e temas à medida que os historiadores recorrem aos escritos literários para tentar aplacar suas inquietações. Apesar disso, o interesse por essa fonte nem sempre vem acompanhado pela preocupação quanto à dimensão estético-formal das obras literárias, fazendo-o redundar, algumas vezes, num uso algo "utilitarista" da literatura ou, então, na secundarização de um aspecto com relevante potencial epistemológico. Levar em conta os caracteres formais da obra literária permite identificar e perceber significados, interesses e sentidos que de outro modo poderiam ficar obscurecidos ou mesmo ignorados, ajudando, assim, a revelar escolhas que são tão estilísticas quanto socio-históricas. Além disso, dar relevo analítico à dimensão estético-formal evita o sufocamento da autonomia própria da literatura, dando a possibilidade de perscrutá-la também como objeto, e não somente como fonte. Não se trata, portanto, de capricho ou perfeccionismo intelectual, mas de condição para a apropriação historiográfica de qualquer escrito literário. No intuito de evitar as insuficiências supramencionadas, algumas das questões debatidas por Antonio Candido servem como possibilidade crítica para um mais justo e prolífico uso historiográfico da literatura, sendo nessa contribuição que esse trabalho pretende focar-se, especialmente quando o crítico literário busca vencer a dicotomia "internalidade-externalidade" na exegese da literatura..

Palavras-chave: Historiografia; Literatura; Antonio Candido; Estética.

É algo curioso a maneira como os historiadores se relacionam com a literatura.

A história de nossa disciplina ensinou-nos que temos de ser ciosos acerca das fronteiras que demarcam nosso campo, e que erigir torres de vigilância e aduanas historiográficas é uma preocupação tão salutar quanto necessária. Sentinelas que somos, todos, desse grande e vários país historiográfico, tomamos sempre o cuidado de preservar-nos das tentações exercidas por outros domínios, ainda que tenhamos que com eles nos relacionar, neles construir "embaixadas" e "consulados", sob a pena de um isolamento esterilizante.

Com relação à literatura, o jogo da "diplomacia" acima descrita se torna ainda mais delicado, pois temos certos antecedentes a nos assombrar, tais como, por exemplo, os historiadores românticos (dentre os quais se destacam os arroubos de Michelet ou as liberdades narrativas de Guizot), cujas obras nos legaram não só a inspiração do estudo da história como prática visceralmente humana, mas também um sentido pejorativo ao adjetivo "literário" (crítica frequentemente movida pelos historiadores positivistas).

Talvez por isso às vezes parece haver um *guilty pleasure* nos costumes dos historiadores no que tange à literatura: todos a parecem conhecer e gabar-se extra-oficialmente de serem leitores e (quase) críticos literários diletantes, mas não é raro vê-los algo desconfortáveis com a publicização desses atos bibliolibidinosos. É como se o passeio literário ao jardim das musas, sob os encantos de Calíope, precisasse ser compensado, de maneira exemplar, pela reafirmação da veneração monogâmica de Clio.

Floreios introdutórios a parte, parece-me que a historiografia ainda está construindo e sedimentando suas relações com a literatura, o que torna-as ainda mais tensionadas do que elas naturalmente tendem a ser - já que os dois campos possuem distanciamentos que são antagônicos e potencialmente explosivos. Muito caminho foi coberto e muitas estradas já foram percorridas, mas ainda existem sendas, trilhas e vias que precisam ser palmilhadas, todas elas num terreno cediço e às vezes minado - verdadeira "terra de ninguém".

Este trabalho crê que essa terra, justamente por ser "de ninguém", pode ser de todos, de escritores e de historiadores, na qual poderão transitar uns e outros - cientes e respeitosos de suas diferenças. Mas para isso acontecer, aquelas vias precisam ser desbravadas e mapeadas, e uma delas (quiçá uma das arteriais) é a do reconhecimento do elemento estético-formal da literatura, seja como parte constituinte dela, seja como questão crucial para a análise historiográfica.

Embora esse trabalho não dê conta de satisfazer as enormes e ambiciosas exigências desse mapeamento, ele pretende propor pontos de discussão instigantes, que (espero) encaminhem reflexões posteriores. E para isso, para essa tarefa, o texto invoca Antonio Candido (tal como Dante invocou Virgílio) para

auxiliá-lo nessa travessia, pois "o professor" enfrentou a aridez dessa "terra de ninguém" quando precisou conciliar intelectualmente suas pretensões sociológicas e literárias, o que o torna uma referência fundamental dentro desse debate.

Antonio Candido e a noção de "estrutura literária"

Na formação do pensamento de Candido concorreram tanto seu apaixonado gosto pela literatura quanto sua formação dentro do campo da Sociologia, verdadeiras constantes de sua produção intelectual.

Sua atuação como professor e como sociólogo sofreu desde muito cedo a pressão do crescimento e da consolidação de outra vontade que ele acalentava e amadurecia desde muito tempo (em especial na famosa revista *Clima*): o gosto pela literatura. Passando a lecionar literatura brasileira a partir de 1958, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis (depois de um considerável período de docência na Sociologia), Candido encontrava aquele universo intelectual que viria a consagrá-lo, a Crítica e os Estudos Literários. Dessa formação peculiar é que deriva grande parte de seus trabalhos de maior peso, e é daí que se pode entender que sua produção se deu na encruzilhada do pensamento sociológico e do pensamento literário, de um modo que as duas áreas não se anulavam, mas se entrelaçavam criativamente.

Ainda que o conjunto das obras de Antonio Candido possa ser mobilizado para auxiliar na discussão que aqui se pretende fazer, nos focaremos especialmente nos ensaios que formam a obra *Literatura e sociedade*, seja pelo espaço restrito de que dispomos, seja porque é nesses ensaios que Candido aborda com maior fôlego teórico a relação entre a "literatura" e a "sociedade" na construção do que ele chama de "estrutura literária".

Logo no prefácio da obra vemos por onde caminha Candido, pois ele declara, à guisa de síntese introdutória, que

os estudos deste livro (...) procuram focalizar vários níveis de correlação entre literatura e sociedade, evitando o ponto de vista mais usual, que se pode qualificar de paralelístico, pois consiste essencialmente em mostrar, de um lado, os aspectos sociais e, de outro, a sua ocorrência nas obras, sem chegar ao conhecimento de uma efetiva interpenetração. (CANDIDO, 2010, p. 9)

A preocupação que norteia as ponderações de Candido é a de encontrar os meios de permitir uma "efetiva interpenetração" de literatura e sociedade, dado que as interpretações existentes até então não davam conta, a seu ver, de fazê-lo. "Encontrar os meios", nesse caso, significa construir os instrumentos teóricos e metodológicos para essa análise de "efetiva interpenetração".

O "ponto de vista mais usual" a que ele se refere é aquele que havia sido consagrado no século XIX, como, por exemplo, nas leituras sociológicas de Hipolyte Taine (1828-1893) na França, e de Sílvio Romero (1851-1914), no Brasil, caracterizadas por uma determinada concepção acerca da relação literatura-sociedade. Nessa visão, costumava-se construir uma longa preleção sobre o mundo social (muitas vezes chamado de "meio"¹) para, então, averiguá-lo na obra literária - para verificar, como disse Candido, a "ocorrência" do mundo social na obra literária.

Isso redundava numa forma metodológica deficitária, que não conseguia construir verdadeiro diálogo entre mundo social e obra literária - pois a análise "sociológica" e a literária corriam muito mais paralelamente do que entrelaçadamente.

Ao lado desse problema inicial, corria ainda um outro: a maneira de se apropriar da obra literária se focava fortemente no "conteúdo" dela, isto é, nos temas, nos tipos sociais, nas situações, nos costumes e ideias narrados e descritos ao longo do estória. A aparição de fatos ou personagens históricos, de locais "reais", de classes sociais (etc.) era, portanto, o ponto sobre o qual se debruçavam esses críticos oitocentistas.

Desse modo, consciente ou inconscientemente, passava a existir uma espécie de dicotomia "interno-externo", já que se olhava para a literatura como se se estivesse "de fora", não levando em consideração a elaboração "interna" que ela possuía - usando os termos de Candido, pode-se dizer que essas análises não reconheciam existir uma "economia interna da obra" (CANDIDO, 2010, p. 21). A literatura acabava por ser enxergada como uma espécie de "manifestação" da

¹ No ensaio *Literatura e vida social*, Candido sintetiza uma das fórmulas que envolve essa leitura oitocentista, chamando-a de "redução esquemática": "Dai-me o meio e a raça, eu vos darei a obra." (CANDIDO, 2010, p. 27)

sociedade - não como um objeto autônomo, mas como um mero "sintoma" desse mundo social.

Assim, a literatura tornava-se objeto amorfo, sem características próprias, "simples" reflexo do mundo que a cerca. Na medida em que só chama a atenção a "aparição" do mundo social na obra literária, acaba que ela se torna um objeto historicamente limitado, cuja exegese vira sinônimo de "descoberta dos elementos correspondentes ao mundo e estudo da aparição deles" - uma proposta válida (é importante dizer) mas ao mesmo tempo seriamente limitada.

Para superar essa forma metodológica e seus problemas, Candido procura construir um olhar distinto sobre a obra literária, um que permita encará-la (isto é, concebê-la) de forma distinta. Ao invés de entender "fatores internos e externos" paralelamente (portanto separados), o desafio proposto por Candido era "(...) fundir texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra" (*Idem*, p. 12), na qual o elemento "'externo' (nesse caso, o social) (...) desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno." (*Idem*, p. 13)

Era fundamental para a sustentação de uma tal postura teórica que Candido fosse capaz de argumentar de modo a demonstrar a existência de um diálogo entre os "fatores internos" e os "fatores externos" na constituição mesma da obra, e este diálogo precisava ser provado visceral, teoricamente concebível e metodologicamente apreensível e demonstrável. Era preciso dissecar, como o título da obra de 1965 anuncia, a relação entre "literatura" e "sociedade", compreender seus meandros e sua indissociabilidade essencial, pois somente a partir dessa tarefa é que uma superação crítica seria possível.

Encontram-se diversos indícios dessa preocupação com a relação entre mundo social e construção literária ao longo dos escritos de Candido. Era uma questão que o inquietava quando da sua passagem pela Sociologia e continuou sendo uma inquietação quando ele adentrou o universo da Crítica Literária - embora em cada qual dos momentos com um prisma e uma ênfase distintos.

Se folheamos a transcrição do curso introdutório que Candido ministrou na faculdade de Assis em 1959, vemos ele admoestando os alunos sobre a necessidade de ponderar sobre os dois aspectos básicos da análise do texto literário: o aspecto "acessório" e o aspecto "essencial". A "realidade material" do

texto (caligrafia, tipo, autoria, circunstâncias de produção, estado do texto etc.), configura o "corpo da obra literária e a história desse corpo." (CANDIDO, 2005, p. 13), sendo esse o "aspecto acessório". A "realidade íntima" do texto literário é sua "finalidade verdadeira: natureza, significado, alcance artístico e humano" (*Idem*, p. 13), configurando, pois, o "aspecto essencial". A análise do texto literário, diante disso, precisa congrega esses dois aspectos dialeticamente para realizar-se, pois "(...) assim como alma e corpo são indissoluvelmente ligados e mutuamente dependentes, no estudo sistemático da literatura só compreenderemos a integridade da obra tomando um aspecto em relação ao outro." (*Idem*, p. 14).

Nota-se desde logo que a ligação indissolúvel de "corpo" e "alma" literários é mais do que uma constatação informativa, é um ângulo de observação. Considerar ambos como parte da análise significa afirmar que elementos oriundos da existência social na obra literária estão nela presentes como mais que "aparções" ou como algo mais que "estofa" da trama ou dos personagens (mais que "conteúdo", portanto); e que os elementos "materiais" do texto (elementos formais) são a base concreta do trabalho analítico, pois são a realidade da literatura propriamente dita, objeto de cotejo em primeiro grau.

Assim, não são negligenciáveis nem os caracteres da "realidade material" do texto literário, nem os caracteres da "realidade íntima" desse mesmo texto, precisamente porque é a relação indissolúvel existente entre eles o fulcro analítico. Nem "fatores internos" nem "fatores externos" estão definidos de antemão, eles se definem precisamente na relação que constroem uns com os outros (donde a importância da "interpretação dialeticamente íntegra", anteriormente citada).

Proposição semelhante pode ser encontrada na noção de "sistema literário" construída por Candido, a qual norteia aquela que talvez seja sua obra de maior envergadura: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, publicada em 1959.

Nesse livro, ao iniciar os estudos de literatura brasileira pelos poetas árcades (ao invés dos quinhentistas ou de outras obras e escritores dos séculos XVI ou XVII), Candido despertou o furor de certos críticos, que questionaram a razão que explicaria a negligência dos escritores e obras que antecederam o

século XVIII. A resposta de Candido aos críticos, presente no prefácio da edição de 1962, é bastante elucidativa sobre as questões de seu pensamento que aqui debatemos: não se fala em literatura brasileira antes do século XVIII porque "(...) para se configurar plenamente como sistema articulado, ela [*a literatura*] depende da existência do triângulo 'autor-obra-público' em interação dinâmica, e de uma certa continuidade da tradição." (CANDIDO, 1975, p. 16)

O tratamento da literatura requeria que fosse possível reconhecer esses elementos formativos apontados, mas não somente para estudá-la como um sistema social e historicamente articulado (isto é, como fenômeno social), mas também para discuti-la como corpo de obras de valor estético, artístico, linguístico (enfim, literário). Em outros termos: para que seja possível falar de literatura, é preciso que ela seja reconhecida como fenômeno social e histórico.

É daí que se desdobra o método de análise que se corporifica em *Formação da literatura brasileira*, e foi por essa razão que Candido (ainda no prefácio da edição de 1962), faz questão de explicitar:

Este ângulo de visão [*o do triângulo 'autor-obra-público'*] requer um método que seja histórico e estético ao mesmo tempo, mostrando, por exemplo, como certos elementos da formação nacional (dado histórico-social) levam o escritor a escolher e tratar de maneira determinada alguns temas literários (dado estético). Este é (...) [*um*] pressuposto geral, relativo (...) à atitude metodológica no sentido mais amplo. (*Idem*, p. 16)

Não se trata de um resquício da sua trajetória de sociólogo, muito menos um cacoete advindo da formação que ele cultivou como mania ou preciosismo pessoal: a exegese literária precisa ser capaz de reconhecer o elemento histórico-social para conseguir se realizar. E assim é, aos olhos de Candido, porque esse método é "reversível à relação obra-circunstância [*, na qual*] (...) as considerações históricas, longe de desvirtuarem a interpretação dos autores e dos movimentos, podem levar a um juízo estético mais justo." (*Idem*, p. 18)

Diante das críticas e das proposições feitas por Candido, a superação das limitações oitocentistas e a possibilidade de uma congregação teórico-metodológica da literatura e da sociedade estavam sendo encaminhadas. Era necessário, por um lado, "(...) averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária (...)" (CANDIDO, 2010, p. 8), para que, por outro, a estrutura literária pudesse "(...) ser estudada em si mesma (...)" (*Idem*, p.

8). Tratava-se de um deslocamento tão teórico quanto metodológico. A obra passava a ser concebida de forma distinta, como congregando elementos sociais e literários na sua própria anatomia peculiar (percebamos: reconhece-se tanto a presença dos "elementos sociais" quanto a "anatomia peculiar" da literatura). Conseqüentemente, essa concepção levava a uma nova forma de abordar a literatura, pois não eram mais necessários os longos prólogos sobre a sociedade para, então, adentrar nos domínios literários propriamente ditos; nessa nova forma de abordagem, estudar a obra literária era estudar a sociedade, uma vez que o elemento social fazia parte do próprio corpo literário (da "estrutura literária").

É possível observar essa ousada proposição quando Candido escreve que a obra pode "ser estudada em si mesma": ele não quer isolar a obra literária do mundo social (como quiseram alguns críticos estruturalistas), mas tê-la como ponto privilegiado de análise. Isso se dá porque Candido entende que, dada a relação orgânica existente entre obra e mundo social, o estudo da obra não precisa iniciar pelo mapeamento do mundo social ao redor dela, mas, pelo contrário, justamente por ela, isto é, pela obra literária. A obra literária tem que ser estudada como uma "forma orgânica" (CANDIDO, 2010, p. 10), o que implica, como ele declara em outro momento, que a "(...) análise estética [*isto é, da 'estrutura literária'*] precede considerações de outra ordem." (*Idem*, p. 13).

O "preceder" da análise estética se dá pelo reconhecimento da literatura como tendo uma "anatomia estética peculiar", a qual ajuda a defini-la enquanto fenômeno. Perceba-se como "preceder" não implica "tornar as considerações de outra ordem irrelevantes", mas "somente" a afirmação de que a literatura, embora seja fenômeno social e histórico, precisa ser lida como literatura.

Nada mais óbvio, mas, ao mesmo tempo, nada menos óbvio.

Não é ignorando as implicações de suas palavras que Candido faz uma declaração tão arrojada quanto a seguinte: "(...) me convenço cada vez mais que só através do estudo formal é possível apreender convenientemente os aspectos sociais." (*Idem*, p. 10). Embora reconheça que há um "ar de paradoxo" (*Idem*, p. 13) ao redor dessas afirmações, não há nelas contradição, pois o liame entre obra literária e mundo social, a esta altura, não está mais sob a égide da dicotomia

"internalidade-externalidade", mas encontra-se governado pela noção de complementaridade necessária para sua sustentação (em outros termos, de dialética).

Elementos "externos" e "internos" não se colidem mais, pois sustentam-se através de sua relação dialética. E esse talvez seja um dos pontos em que se possa vislumbrar algumas das principais contribuições de Candido ao reconhecimento, pelo historiador, do elemento estético na obra literária.

Ao reconhecer que a "estrutura literária" é o *alfa* (embora não o *ômega*) da interpretação da Crítica Literária, mesmo quando essa está preocupada em construir uma leitura pelo ângulo sociológico, Candido fazia uma proposição de cunho marcadamente metodológico, mas que repousava (como acima se buscou demonstrar) sobre uma sólida reflexão teórica. E em grande parte por esta (reflexão) é que aquela (proposição) ultrapassa as fronteiras da Crítica Literária e toca nos terrenos vizinhos, nos quais se encontra aquele vasto e vários país historiográfico que se mencionou no início do texto.

Ao historiador que toma a literatura como fonte para a realização de suas investigações, as questões debatidas por Candido têm valor inestimável, pois forçam o "descobrir" e, conseqüentemente, o "levar em consideração", da realidade estético-formal da literatura. Como Candido quis demonstrar, a obra literária encontra-se visceralmente constituída no diálogo que constrói com a realidade, o que faz de suas "soluções" formais algo a mais do que pura idiosincrasia autoral ou elemento hermeticamente fechado no interior da própria obra. Se, seguindo Candido, vemos que para a crítica o reconhecimento da dimensão social da estética é chave interpretativa da obra literária, para o historiador a admoestação se inverte: o reconhecimento da dimensão estética daquele fenômeno social (que é a literatura) é crucial para conseguir abordá-la a contento.

Isso implica tanto uma sensibilidade analítica distinta quanto, para não seguir na trilha dos oitocentistas, que se reconheça que as escolhas formais do autor ultrapassam a função de puro enquadramento ou simples opção casual. Desse modo, tornam-se problemas historiográficos tanto o (por falta de termo melhor) "conteúdo" quanto a "forma", já que ambos estão presentes, entrelaçados

e ativos na constituição mesma da obra literária. Um se define pela relação dialética que mantém com o outro.

Reconhecer as colocações acima propostas como válidas e fundamentais se torna ainda mais crucial se quisermos continuar sustentando aquela máxima que diz que "a literatura não é espelho do mundo". É preciso admitir (no sentido epistemológico disso) que a literatura se alicerça sobre a realidade, em contato com a realidade, mas não como espelho da realidade. Se se quiser insistir sobre a metáfora do espelho, quem sabe se possa dizer que ela é um espelho rebelde, que distorce a realidade que se põe diante dele, e que, portanto, incumbe o estudioso da literatura a considerar a "distorção" como parte do cálculo, da exegese.

Se a literatura não "espelha" a realidade e se a "distorção" é parte de seu modo de constituição (ambos fatos que devem ser levados em conta pelo historiador), vê-se logo que a forma através da qual o escritor se apropriou da realidade é questão crucial para a análise da obra literária "pronta". Se aquilo que se encontra na literatura não é a realidade, mas construção feita a partir dela, o estudo dessa construção (dessa "estrutura literária", se quisermos usar os termos de Candido) é, de certa forma, o *alfa* (embora não o *ômega*) da interpretação da historiografia, informação de primeira relevância para a utilização da literatura como fonte historiográfica.

Vem à mente mais uma vez, a essa altura, aquela constatação tão óbvia e tão "não-óbvia" que discutiu-se acima: é preciso tratar a literatura como literatura. A "distorção" supramencionada constitui uma das peculiaridades que ajudam a fazer da literatura a literatura. Por mais que os historiadores concebam a literatura centralmente como fenômeno socio-histórico para satisfazer seus objetivos epistemológicos (algo absolutamente válido, apesar das críticas que tal ato costuma nos granjear), me parece que isso não pode anular a consideração da obra literária como objeto também estético, e, como tal, como objeto dotado de autonomia. É preciso lidar com o fato, às vezes doloroso, de que a obra literária não nos pede licença para existir, e que, portanto, não nos deve satisfações, sendo livre para eleger seus objetivos e as formas de alcançá-los.

Se quisermos citar ainda uma vez alguma passagem esclarecedora de Antonio Candido, façamo-lo. Quando discutindo sobre os "denominadores comuns" dos movimentos literários, Candido escreve que aqueles podem ser a língua, os temas, as imagens, mas, também, "certos elementos de natureza social e psíquica, *embora literariamente organizados (...)*" (CANDIDO, 1975, p. 23 [*grifo nosso*]) A despeito do que essa afirmação possa significar para a discussão e análise de movimentos literários específicos, concentremos nossa atenção no que ela pode trazer de esclarecedor para a literatura num sentido mais geral: Candido reconhece que "elementos de natureza social e psíquica" estão engastados na literatura como verdadeiras pedras angulares, mas (e esse talvez seja o "pulo do gato" em termos de análise) esses elementos encontram-se "literariamente organizados". Isso significa, dentre outras coisas, que não se encontrará o "mundo real" na ficção se se continuar esperando uma simples continuidade isonômica de um a outra, de lá a cá, da realidade à literatura. Os "elementos de natureza social e psíquica" estarão disfarçados com as vestes da ficção, da preocupação formal, da elaboração estética, do decoro artístico, das artimanhas do estilo etc. Se não formos capazes de reconhecer essas vestes, não seremos capazes de reconhecer os "elementos de natureza social e psíquica" e, o que talvez seja ainda pior, não conseguiremos rastrear os motivos que levaram a escolha dessa abordagem para aquele elemento e vice-versa.

Antes de encarar a questão da autonomia da literatura como um empecilho à análise historiográfica, creio que precisamos tomá-la como problema historiográfico, como plataforma de análise e ponto de apoio para a escalada epistemológica. E como a autonomia da literatura costuma se encarnar em grande medida na dimensão estética desta, ser capaz de reconhecê-la e manuseá-la intelectualmente torna-se, ao lado de outras, parte importante do busílis da relação entre história e literatura.

Considerações finais

Por conta das reprimendas recebidas por Michelet, Guizot e outros historiadores, ou por conta das ponderações hayden-whiteanas em ocorrência mais recente, ou ainda por outros exemplos nesse sentido, talvez haja um certo

receio dos historiadores com relação à literatura (o termo "tropo", pelas lembranças que evoca, ainda hoje é capaz de causar certos calafrios). Quem sabe em razão disso, aliás, a busca dos historiadores por um contato mais frio, asséptico e distante com o mundo das *belles lettres*, que (aparentemente) os preservaria de serem acusados de literatices ou de falta de rigor teórico, metodológico ou científico.

Está fora de qualquer intenção desse texto ou desse autor declarar desnecessário esse rigor, ainda mais quando se trata de relacionar-se com a literatura. O que buscamos explorar através das proposições de Candido é que a consideração do elemento estético e o realce da dimensão formal da literatura não estão contrapostos a esse rigor, não o anulam nem o afrouxam.

Me parece, a partir das colocações de Candido, aliás, que essas duas questões estão longe de serem antagônicas, e que construir uma leitura sensível da literatura (inclusive esteticamente) não anula sua leitura como fenômeno social e histórico, sendo aquela condição fundamental dessa, pois revela intencionalidades, escolhas e renúncias que se alicerçam sobre uma concretude histórica: todas essas rastreáveis e prenes de significado histórico.

Por fim, o conselho de Candido ao crítico literário me parece cabível também ao historiador, mesmo avaliando a singularidade de suas intenções analíticas: "El crítico (...) debe respetar la naturaleza de los textos analizados, ajustando a ellos el tratamiento adecuado." (RUIZ *In*: SERRA, 2003, p. 8)

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 5ª ed. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora da USP, 1975.

_____. **Literatura e sociedade - Estudos de teoria e história literária**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

_____. **Noções de análise histórico-literária**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

RUIZ, Ignacio Díaz. Presentación. In: SERRA, Jorge Ruedas de la (org.). **História e literatura: homenagem a Antonio Candido**. Campinas: Editora da Unicamp; Fundação Memorial da América Latina: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003. pp. 8-11.

